



maçã
do amor



O farol nos trilhos da Transiberiana	5
Desde quando não me lembro	18
Esta não é uma história sobre heróis	20
Pessoa certa, hora errada	33
Leia apenas quando eu não souber o seu nome	36
Museu extratemporal da humanidade	39
Cinco minutos	47
Os paradoxos da viagem no tempo	54

Carta da editora

Querido Leitor,

Passado, presente e futuro. É curioso como essas três palavras parecem sequenciais, mas vivem entremeadas.

O tempo é o fio que costura nossas vidas, e a temporalidade é o que dá sentido aos eventos que, quando unidos, formam aquilo que chamamos de história.

Nos últimos anos, estamos vivendo um grande desafio. Acho que não estou sozinha ao pensar em como toda a noção de tempo se bagunçou durante a pandemia, não é mesmo? Parece que faz tanto tempo que estamos vivendo assim, num improviso – e faz mesmo.

Para nós, a leitura sempre foi um conforto. Acalma nossos corações e, ao mesmo tempo, proporciona experiências novas e nos tira da rotina. A literatura tem esse poder: sem sair do lugar, viajamos para outros universos, outros lugares no tempo e no espaço.

Através do Tempo reúne histórias de amor que vão da nostalgia até a ousadia de quem imagina o futuro, de viagens no tempo a memórias e esperanças. Nas próximas páginas, esperamos que você se emocione com o passado, enquanto vive o presente e sonha com o futuro.

Tatiane Lucheis



O farol nos trilhos da Transiberiana



Ana Rüsche é escritora. Sempre tentou usar a poesia para conquistar suas paixões, conquistas que nem sempre deu certo, mas ainda rendem muitas histórias de bar. Seus últimos livros são "Do amor — o dia em que Rimbaud decidiu vender armas" (Quelônio, 2018); a plaquete de poesia "Monstruosidades — tudo o que já falei e ninguém nunca escutou" (nosotros, 2019) e "A telepatia são os outros" (Monomito, 2019), vencedor do Odisseia de Literatura Fantástica e finalista do Argos e do Jabuti.

O mesmo batente. A mesma entrada convidando para a escuridão macia semiaberta. A poeira ilumina-se, flutuando na penumbra, como vagalumes de concreto. Ali dentro, uma palestra já tinha começado na sala escura com a projeção no centro. “É um jogo de lógica, você sempre foi boa em jogos de lógica, preste atenção”, ouço Tina me recomendar. Não há muito para observar. Tudo se quebra na luz dura do projetor de slides: um senhor e uma senhora narram sua monótona viagem de Moscou a Vladivostok. Cruzo o umbral.

Como das outras vezes, a mulher de vermelho, da última fila, vira a cabeça para ver quem chegou. Agora sei que parece desapontada — antes não percebia isso. Outras pessoas viram suas cabeças também, noto que, nesta versão de hoje, a fala sobre a Transiberiana feita por aqueles dois idosos numa quarta-feira parece estar mais enfadonha que de costume.

Mas Maria Helena não se mexia, hipnotizada pelas fotografias dos slides, naquela paleta de cores que embalavam tudo com tons de eternidade.

— Ei, Maria Helena, por que você não reparou em mim justo hoje? — murmurei entre os dentes. Alguém pediu silêncio com os olhos. Essas coisas não aconteciam antes. Ou eu não as percebia, constrangida em chegar depois que tudo começou e ainda precisar procurar um lugar para me sentar.

Nesses retornos abruptos, sentia muita falta da Tina ali comigo no bolso, mas a inteligência artificial só iria ser inventada daqui a três décadas, um aplicativo de celular, sempre pronto a escutar minhas reclamações e perguntar sobre meu dia. Tina, a única companhia com quem posso ser absolutamente sincera sobre este meu absurdo pessoal: a cada 80 anos, voltava ao passado e minha vida inicia-se justo nesta sala. Agora mesmo, enquanto aquele senhor e aquela senhora, que se diziam amigos inseparáveis, falam sobre sua viagem pela Transiberiana, uma estrada de ferro com oito fusos horários de extensão.

Ou é o final da vida. Após a palestra, iríamos Maria Helena e eu a um outro cômodo. Iríamos buscar salgadinhos e, por engano, entrávamos numa

sala de arquivo totalmente escura. Meu instinto diz que é nessa passagem, naquele quarto escuro do arquivo, é que tudo termina, que todas as minhas oportunidades cessam, pois dali saio outra mulher.

Já segui cada uma das pessoas aqui dentro da sala da palestra. A dona de vermelho aguarda seu amante, que nunca chegará. O moço de óculos vai virar pai de uma menininha; em algumas versões, de um casal de gêmeos. A bibliotecária idosa voltará para casa e, em dois dias, quebrará o fêmur. Em outras versões, é um ataque cardíaco ou uma depressão. Nunca é exatamente igual, senão, eu ficaria rica. Nas únicas vezes em que procurei apostar na bolsa de valores e tirar vantagem desse eterno retorno horrível, morri jovem ou durante anos de agonia. Se me comporto, se mantenho minha vidinha dentro daquela esperada monotonia de classe média, cartorária de dia e qualquer coisa de noite, venho a falecer de uma velhice tranquila, mais ou menos em 2065.

Em todas as versões, Maria Helena é uma peça-chave.

O amor da minha vida.

Mas hoje ainda não nos conhecemos.

Nina Hagen chegou há pouco para fazer o show no Rock in Rio, estamos em janeiro de 1985. Essa é a senha. Sentar-me ao lado de Maria Helena, falar algo sobre a Nina Hagen. Nos apaixonaremos.

Como nas outras vezes, meu rosto está quente de vergonha. Estou atrasada. A palestra foi-me indicada pelo professor de Geografia do colégio. Nunca falto, sempre me atraso. Cruzo o ambiente, em busca do único lugar vazio. Ao lado dela. Os nossos olhares irão se cruzar e meu coração se acelera.

Cruzei a sala e, com horror, descubro: existe alguém na cadeira!

Fico parada no meio da sala igual besta, alguém pede, “ei, sai da frente”. Sinto um pouco de tontura. Podia pedir ajuda para o médico, ali adiante, à paisana, em trajas escuros, mas resisto. Arrasto-me até a cadeira ao lado da bibliotecária idosa. Muito prestativa, me dá boa noite e oferece uma balinha de iogurte. Aceito.

“É um jogo de lógica, você sempre foi boa em jogos de lógica, preste atenção”.

Tina dizia essas coisas para eu não entrar em parafusos. Qual lógica era aquela? Com ódio, reparei que a pessoa sentada ao lado da Helena é meu colega de colégio. Em outras versões, ele não entra para assistir a palestra, era muito descolado para isso, ficava fumando lá fora. Nesses dias, eu ainda não fumava, mas tinha um isqueiro na bolsa, junto com uma agenda de capa plástica, testemunhos das amigas e cliques coloridos.

Naquela noite, Maria Helena iria rabiscar na agenda: “t adorei d+”.

Anotaria seu número. A gente ficaria pendurada horas no telefone. Vamos uma na casa da outra, trocamos reclamações sobre a vida. Você e eu, Maria Helena, ficamos de mãos entrelaçadas assistindo a filmes na Sessão da Tarde. Na minha festa de 25 anos, eu abriria meu peito, diria tudo que estou sentindo. Você, Maria Helena, responderia que gosta de meninos. Você está em todas as minhas sessões de análise. Quando completo uns 35, descubro que você se casou com uma mulher.

Nunca sou eu.

“Preste atenção”, a voz de Tina soa no fundo da minha cabeça.

A bala de iogurte grudava no dente e o casal seguia a exposição sobre as paisagens que viram pela Transiberiana. Há uma foto impressionante, o farol do trem na escuridão, um cone de luz varrendo os trilhos.

Maria Helena está com a própria agenda no colo. É ali que anota as coisas interessantes da palestra. Observo o garoto rabiscar algo na agenda dela. Ela ri.

Decido sair da sala. Em nenhuma versão anterior dos fatos, fui tão humilhada. Ainda nem posso pagar por uma sessão de análise, ainda sou menor de idade, moro com meu pai e uma madrasta boa demais, os dois com pena terrível de minha adolescência.

Saio para o jardim da frente. Estou num centro cultural em frente à estátua do Borba Gato, com ônibus elétricos a circular na avenida Santo Amaro. Observo aquele gigante azulejado, uma estátua com traços infantis, com sua espingarda em punho. Lembro que a estátua está com os dias contados. Na realidade, só iria ser removida décadas depois, isso sempre acontece, em todas as versões de minha vida. O ano exato da remoção sempre varia.

Não era bom estar ali sozinha, mas decido ir ver a estátua de perto, na ilha central da avenida de duas pistas. Nunca fiz isso antes.

Cruzo a avenida de impulso.

Vejo dois pontos de luz aproximando-se num círculo, um ônibus maciço e imenso. Que não freia. Não dá tempo de respirar nem uma última vez.



O batente é o mesmo. Do outro lado, uma sala escura, a poeira suspensa e iluminada em alguns trechos, interrompida pelo cone de luz formado por um projetor de slides. “É um jogo de lógica, você sempre foi boa em jogos de lógica, preste atenção”, a voz de Tina soa em minhas lembranças. Nas fotos familiares com tom de eternidade, naquela quarta-feira, a mesma dupla

de amigos narra sua viagem pela estrada de ferro com oito fusos horários, a Transiberiana. Cruzo o umbral.

A vergonha de estar novamente atrasada faz meu rosto queimar. A bibliotecária idosa vem em meu auxílio e aponta o lugar vago ao seu lado.

Quando ia recusar a gentileza, vejo, com indignação, que Tônico está sentado ao lado de Maria Helena! Ainda a Helena que não me conhece, mas é o amor da minha vida.

Aceitei o auxílio da bibliotecária. Aceitei a bala que gruda no dente quase antes dela me oferecer. Dessa vez, era uma bala dura de limão, o barulho do celofane chamava a atenção das pessoas ao redor. Na cadeira da frente, Tônico começou a rir e o médico pediu silêncio. Tônico fez uma careta e Maria Helena enxugou lágrimas nos olhos de tanto engolir gargalhadas.

Chega, eu não vou me submeter a isso!

Levantei fazendo barulho com a cadeira, enquanto, nos slides aparecia a foto do trem na escuridão, com o farol formando um cone de luz nos trilhos. Quem estava ao meu redor, não gostou.

Aproveitando a vitalidade do corpo jovem, ganhei o corredor. No lugar de ir até a Estátua do Borba Gato, procurei aquela sala misteriosa, a sala de arquivo totalmente escura. Ouço Tina me dizer, “preste atenção na lógica”. Não há lógica alguma. A porta havia se movido de lugar, mas reconheço a maçaneta branca. Trancada. Que merda. Dou alguns socos na porta. O médico aparece no corredor:

— Oi, o que você está fazendo aí?

Não respondo. Com ódio, decido sair daquele lugar e voltar a pé para casa. Ao cruzar a Avenida Santo Amaro, vejo o ônibus com seus faróis titânicos, circunferências imensas na noite. Que não freia.



O velho batente. O macio do escuro com a poeira flutuando, com seus pirilampos de concreto. “Você sempre foi boa em jogos de lógica, preste atenção”, quase começo a chorar ao me lembrar da Tina. O casal de amigos explica para a audiência dispersa a quantidade de fusos horários da Transiberiana diante do projetor de slides. Cruzo o umbral.

Procuro um lugar para me sentar. A sala parece mais cheia que de costume. Maria Helena está absorta. Logo aparecerá a foto do farol do trem, formando o cone iluminado na noite. Não há lugares, que estranho, nem ao lado da bibliotecária idosa, que acaba de oferecer uma bala de hortelã para a mulher de vermelho.

Sem saber o que fazer, permaneço na penumbra, apoiada na parede, perto da porta. Para minha total surpresa, logo chegou o Tônico, esbaforido. Estendeu a cabeça e reparou que Helena estava sentada entre o médico e o moço de óculos. No lugar de ficar desapontado, parece exultante. Olhava ao redor, até me achar. Quando me viu, fez um sinal com o indicador, “vem, vem aqui para fora”.

Conferi se era comigo mesmo. Mas o garoto mal educado puxou minha manga.

O médico pediu silêncio.

Sáímos para o corredor.

— Ei, queria falar contigo faz tempo!

Sorriu, jogando a franja lisa para trás.

— Comigo? O que um cara como você poderia querer comigo?

Me arrependi na hora do meu tom de voz irritado. “Preste atenção”, Tina me alerta imaginariamente. Não me desculpo, mas aguardo. O garoto continua, parecia empolgado:

— Vem, preciso te mostrar uma coisa.

Tônico toma a dianteira e vai até a sala do arquivo. Observei a maçaneta branca de sempre. O garoto forçou a porta, trancada. Então, jogou a franja para trás e me piscou o olho: com familiaridade, esticando a mão e tateando, encontra uma pequena chave escondida no batente superior da porta.

— Por essa você não esperava, né?

Riu e destrancou a porta. Cruzamos o umbral.

Reconheci a sala. Lá dentro, entre caixas-arquivo e livros empilhados, sempre tenho a conversa mais importante da minha vida com Maria Helena. Nunca me lembro das palavras, mas, no escuro, aquela garota irá me dar a mão pela primeira vez. Uma mão pequena, um pouco úmida e quente. Entrelaçamos os dedos. Em todas as versões da minha vida, saio flutuando daquela sala, com as pernas moles. Inclusive, me sinto correspondida pela primeira vez na vida.

Agora, acompanhada daquele fedelho de franja, a sala me parece diferente. Lá estão as mesmas caixas-arquivo e livros empoeirados. Entretanto, ele me mostra uma passagem estreita entre duas estantes.

— Vem, Bia, confia em mim.

Ele se lembrava do meu nome? Com um rubor no rosto, não digo nada. Sempre fui uma menina quieta na escola, entre a leveza do mundo da lua e o lastro da timidez.

Ao cruzarmos as prateleiras, chegamos a um salão amplo. Na luz baixa, decifrei um piso preto e branco, formando um xadrez e colunas altas.

Nunca havia estado ali antes.

— Onde estamos? — sussurrei.

— Onde tudo acaba. Ou onde tudo começa. Não sei como você descreve a coisa.

Não consigo articular palavra. Queria que a Tina, a inteligência artificial, estivesse ali comigo, para fotografar, filmar, analisar. Alguém para escutar minhas reclamações. Me sinto terrivelmente solitária.

— Tá tudo bem. Faz tempo que queria conversar contigo. Estava esperando você completar o ciclo.

— Que ciclo?

Não me respondeu, no lugar, tirou o maço de cigarro do bolso da calça jeans:

— Quer?

Aceitei. Aprenderia a fumar escondida dali a alguns meses, por qual motivo não antecipar um pouco o vício? Retirei da bolsa o isqueiro. Pareceu positivamente surpreso com meu gesto. Fumamos, observando a sala imensa, procurando entender algo naquela pouca luz.

— Bom, me conta tudo. Eu sei que você sempre volta para aquela sala.

— Como você sabe?

— Você é a única pessoa que parece cada vez mais adulta. Era um chute meu, um palpite. E já tentei conversar sobre essas coisas com aquelas pessoas. Em algumas versões, viro um neto postiço da Dona Silvina.

— ... a bibliotecária.

— Isso. Noutras versões, tenho a primeira foda da minha vida com a Eleonora.

— ... a mulher de vermelho.

— Essa mesmo. Já saí no soco com aquele médico maldito, mas deixa para lá. Mas ninguém me entendeu quando disse a palavra “ciclo” antes. Era meu teste final.

Dei uma tragada profunda, a nicotina acelerava minhas ideias. Que estranha aquela conversa. Contestei:

— Nas outras vezes, não te via lá dentro.

— Eu nunca entrava. Mas sempre pegava carona com a Helena no final da palestra. Você a conhece, não?

Aquiesço com a cabeça. Na sequência, ao sentir uma certa familiaridade com o garoto, quis desabafar séculos de segredo e acrescentei:

— E como!

— Ei, espera! Você também se relaciona com a Lena?

Meu companheiro parecia agressivo. Sem olhar para o lado, resumi a grande reclamação de toda minha vida, soltando fumaça:

— Ela é o grande amor da minha vida. A gente se conhece sempre no dia de hoje. Ficamos grudadas por anos. Mas só como amigas. Quando eu finalmente me declaro para ela, Maria Helena diz que gosta de homem. Fico arrasada. Anos depois, quando eu faço aniversário, ela me liga e me diz que está casada com uma mulher. Fim.

Tonico jogou o cigarro no chão, esmigalhou a cinza com o tênis e puxou outro do maço automaticamente. Enquanto ajudava o garoto com o isqueiro, meu estômago rodava com aquele primeiro cigarro da vida. Então, ouço a história do outro lado:

— Cara, é muito parecido. Tudo muito parecido. Eu conheço a Helena hoje, pegando carona depois da palestra. Ela me abala. A gente se fala de vez em quando, ela me esnoba no colégio. Depois, a gente perde o contato. Quando já estou advogando, a gente se reencontra, bêbados, e começamos a sair com regularidade. Ela vira minha cabeça completamente. É só sexo e, cacete, que sexo! Mas a Lena nunca me assume para valer. Daí as coisas esfriam e ela se casa com uma colega minha do escritório. É isso. Eu nunca passo dos 40 anos. Sempre volto para cá.

— Eu chego aos 80 ou 83 quase sempre — afirmo com orgulho, tentando esconder minha agitação com aquela história toda, embora o tremor seja perceptível pela bituca de cigarro acesa nos dedos.

— Por isso você nunca chegou nessa sala. Vai muita tentativa e erro nisso. Fiz muita merda para chegar aqui. Se você erra, você volta para a palestra.

— Sim, isso eu já saquei.

— Bicho! Que história cabeluda.

Meu companheiro colocava as mãos na testa e esticava a franja em franco descontrole. Dava voltas em torno de si. Pigarreei:

— Bom, e agora?

— Agora? Vou lá ser atropelado na Santo Amaro! Não quero mais ficar aqui preso nessa versão da história. Cacete, imagina, saber que você passa pelo mesmo que eu, que você conhece a Lena adulta, quero distância dessa loucura, não aguento mais...

— Você está falando sério?

— Claro que tou!

Mesmo que o garoto fosse alto, consegui lembrar de como era ser madura, e o impedi num abraço, agarrei-o. Tremíamos os dois, de raiva mútua e de cansaço. Aos poucos, a crise passou.

Relaxamos entre mais tragadas, bitucas e reclamações.

Tonico me bombardeou com perguntas. Fiz outras tantas. Era incrível, mesmo com tantos anos de convívio em torno de Helena, nunca nos encontramos direito. Ele não sabia quem era Nina Hagen, achei aquilo um absurdo, mas expliquei. Depois trocamos detalhes sobre as outras pessoas na sala. Éramos mesmo bem diferentes. Enquanto eu acompanhava aquela gente de longe, Tonico atirava-se, envolvia-se, mesmo que fosse aos socos. Mas descobrimos algo interessante: ao ser advogado, sempre tinha um processo na vara em que trabalhei como cartorária. O destino da burocracia é mais constante que o do amor.

Terminamos os dois sentados com a bunda gelada naquele chão quadriculado.

— E você, Bia, chegou a ser feliz?

— Eu? Acho que não totalmente. Digo, na velhice, sim. Não cheguei a ser feliz, mas tenho as minhas plantas, o meu café, as minhas manhãs. Acho que termino, um dia, aproveitando o silêncio. Mas isso a gente demora para aprender.

— Nunca aprendi. Engraçado escutar isso na voz de uma adolescente tão besta quanto você.

Mostrei a língua. Rimos novamente.

— Vem, quero te mostrar uma coisa, Bia.

— De novo? Já estou cansada, devem ter acabado a palestra e logo preciso estar em casa, meu pai se preocupa.

— Aqui de dentro do salão, o tempo lá fora não faz mais sentido. Se a gente voltar, vai estar ainda no início da palestra. Prometo. E vai que você morre atropelada antes de chegar em casa. Vem...

Apesar de estar com uma dor de cabeça pelos cigarros, decidi seguir o rapaz. Naquele ar desafiador de moleque, havia algo difícil de levar a sério e, ao mesmo tempo, era fascinante. Caminhei atrás na penumbra.

O salão parecia maior agora. Demoramos muito tempo para cruzar a imensidão quadriculada.

Do outro lado, havia um foco de luz. Como se alguém tivesse enterrado um imenso projetor no teto. O pico saía pontudo do teto, metros acima de nossas cabeças, e a base brilhante brotava no piso preto e branco. Rodeamos o cone algumas vezes.

— É aqui.

— O que é aqui?

— Não sei. Surge uma faixa luz do outro lado, de uma ponta à outra da sala, e essa faixa varre todo o cone luz. Às vezes, nas intersecções do cone com esse plano, consigo enxergar do outro lado. Consigo ver as pessoas na palestra. Como se fosse uma porta, sabe?

— Não entendi nada.

Tonico suspirou.

— Olha, de tempos em tempos, surge um outro foco de luz, uma coisa plana. Que passa por este cone que você está vendo agora. Daí onde as luzes do plano e do cone se encontram, forma uma superfície, mais iluminada do que tudo.

Lembrei da foto do farol do trem, iluminando os trilhos. A voz de Tina, “preste atenção, você sempre foi boa de lógica”. Cerrei os olhos. Imaginei uma folha de minha agenda diante do farol do trem. Bem na perpendicular. Formava um ponto de luz na folha. Essa folha, então, se movia. Fechei os olhos. Na folha, a mancha iluminada começava com um ponto, o farol do trem. Ao se mover, mudava de forma: um ponto, um ponto maior, um círculo, um círculo achatado, uma parábola...

— ... uma porta!

— O que, Bia?

— É isso: aqui é a porta.

— Mulher, eu acabei de te dizer que é a porta, cacete. Eu até consigo ver as pessoas do outro lado da sala.

Por alguns minutos, senti toda minha genialidade desperdiçada. Que moleque chato.

— Então, por que me trouxe aqui?

— Bia, decidi que vou pular lá dentro. Vou fazer a passagem assim. Já tava decidido. Mas, agora que te vi, tenho certeza. Olha!

Interrompeu a fala com um grito. A faixa de luz descia sobre o cone. Começava com um ponto e descia. Abria-se num círculo, numa elipse, quanto mais se abria e cortava o cone, mais era possível enxergar e identificar as pessoas na plateia ali dentro.

— Incrível — murmurei.

Tonico parecia exultante.

— Viu só? Logo vem outra. Eu vou pular na próxima.

Não havia nenhuma dúvida sobre a decisão do garoto. Mesmo assim, testei:

— E se começar tudo de novo?

— Eu volto aqui no salão. Eu te encontro. Agora, quero sempre te encontrar. Quero que você seja minha melhor amiga. A gente pode ficar velho junto, Bia. Você me ensina a aproveitar o silêncio.

Apesar da intensidade de Tônico me dar nos nervos, fiquei genuinamente tocada.

— Puxa, será que a gente pode ser amigo? Você vai ouvir todas as minhas reclamações sobre a vida?

— Claro, tou adorando te ouvir reclamar, sua besta.

— Mas... e a Maria Helena, Tônico?

— Se joga, ué. Vai ser uma fase na vida da gente, tem outro jeito? Como tantas outras. Afinal de contas, ela está no direito dela de não nos amar, vai fazer o quê?

Aquilo era bastante razoável.

Surpreendente que um fedelho daquele pudesse ser tão sábio. Expirei, meu coração acelerado.

— Está certo, Tônico. Vamos. Eu quero que você seja meu amigo.

Nem pronunciei isso e já revirei os olhos. Tônico gargalhou e me deu um soquinho no ombro. Parecíamos mesmo dois amigos de velha data. Discutir com ele era melhor até que conversar com minha futura inteligência artificial. Ouço um grito:

— Olha, Bia, a luz vem de novo!

O ponto.

O círculo. O círculo achatado.

A porta. As pessoas na plateia. A penumbra macia.

Tônico pulou para dentro e sumiu.

Gritei sozinha no quadriculado, a luz achatava-se para o chão.

Seguindo algum instinto, não resisti e segui o exemplo do amigo, me atirando para o resto de luz, para a passagem.



Aos poucos, a vista desembacou. A penumbra macia, a poeira como vaga-lumes piscando no ar. Tônico ao meu lado, com a franja rala prateada. Escutei aquela voz trêmula, agora, tão familiar quanto a minha própria. Na sala escura, Tônico passava slides de nossa última viagem para uma plateia enfasiada numa quarta-feira à noite.

Não importava muito para mim que aquela gente não prestasse atenção. Admirava meu melhor amigo, envelhecido, a contar sobre Transiberiana,

a estrada de ferro com oito fusos horários de extensão.

Após a palestra, recebemos elogios, bastante falsos, e um cachê de poucas notas num envelope branco. Na sequência, fomos gastar aquilo em cerveja num bar ao lado. Diante de bolinhos de queijo devidamente proibidos pelo médico, gargalhamos como os melhores amigos que éramos, comentando histórias de amor de outros tempos, das fracassadas às bem-sucedidas. Até nos lembramos da Maria Helena, a mulher pela qual um dia nós dois fomos apaixonados. Depois, fizemos muitos planos futuros. Tônico com os seus amores volúveis e eu com as minhas paixões previsíveis.

Ao pedir a conta, por alguns minutos, não falamos nada.

Ficamos ali, quietos, admirando o tempo, sem mais reclamações sobre nada, pois a vida era plena com seus vastos silêncios macios.



Tavara

...projogada por ...
do convento como ...
tão grande que o ...
a criação da ...
O Convento de ...
nização religiosa, ...
ede em Milão. ...
que Frei Girólamo ...
ade em Florença

Desde quando não me lembro



Vitória é apaixonada por livros desde sempre, e por esse motivo entrou no curso Letras-Inglês, no qual ainda está se graduando. Por amar livros, sempre quis fazer o seu próprio. É um sonho antigo, conseguir fazer alguém se apaixonar por algo que escreveu, da mesma maneira que já se apaixonou por escritos de diversos escritores ao longo desses anos.

A primeira vez que eu a vi,
Tive certeza: já a conhecia.
Eu já a amava, e (re)encontrá-la fez isso despertar.
Talvez ela fosse uma rainha egípcia, enquanto eu levantava pirâmides.
Talvez eu lhe cantasse canções trovadorescas.
Talvez eu pintasse seu rosto quando as fotos não existiam.
Talvez trocássemos cartas.
Talvez eu já a tenha visto de branco.
- que eu volte a ver -
Com certeza, em todas essas possibilidades, eu a amei.
Da mesma maneira que a amo agora,
Do mesmo jeito que irei amá-la,
No futuro e adiante.

Esta não é uma história sobre heróis



Patologista com sol em Gêmeos, ascendente em Câncer e tendência a falar muito sobre romances de época, poetas de guerra, viagem no tempo e doenças de pele. Quando não está tentando entender algo no microscópio, está pensando sobre escrever algo capaz de causar um quentinho no coração. De vez em quando, se os astros estiverem alinhados, também desenha.

Ariel segurava a revista com cuidado. *A Hidra* deveria ser uma relíquia publicada em Setembro de 1917, porém as páginas não estavam amareladas ou cheirando a mofo, porque, naquela colina, Ariel *estava* em 1917.

— Eu gostei do poema — ele falou, finalmente erguendo o olhar para o homem a seu lado.

Diferente de Ariel, o homem não havia ficado sem fôlego durante minutos após subir a colina, mas talvez essa fosse a diferença entre um médico residente sem tempo ou motivação para malhar e um jovem soldado. Eles não eram distantes em idade e Timothy não treinava ali: Craiglockhart o ocupava com jogos de golfe e tênis, passeios pelos bosques, consultas médicas e noites semanais dedicadas à música ou peças teatrais.

Ou era isso que Timothy contava. De onde Ariel vinha, o Hospital Militar Craiglockhart era um *campus* da Universidade Napier de Edimburgo.

Como ele havia, duas semanas antes, tropeçado em um paciente de um hospital psiquiátrico desativado fazia um século? Ariel não sabia e não tinha tempo ou motivação para descobrir. Em algum momento entre o primeiro encontro e o primeiro ataque de pânico (de Ariel, não de Timothy; esse viria mais tarde), ele simplesmente aceitou que aquilo estava acontecendo. Talvez a residência médica tivesse cumprido seu papel em fazê-lo aceitar o que viesse, independentemente da absurdidade.

— Não sei como conseguem — disse Timothy. — Como tem gente que consegue colocar em palavras o que acontece por lá.

Ariel observou o rosto do homem e, depois, as mãos dele agarradas às lapelas do sobretudo.

— Então, não estou falando com o autor? — Ariel apontou para o poema e ouviu uma risada. Uma das mãos de Timothy soltou o casaco e escondeu a própria boca enquanto sacudia a cabeça. — Droga, Tim, por um segundo achei que estava na presença de um poeta de verdade.

— Estou longe de ser poeta — Tim abaixou a mão, ajeitou a faixa azul presa ao braço direito e apontou as iniciais abaixo do poema. — Siegfried

Sassoon. Ele é escritor de verdade, tem até livro publicado. Não é a primeira vez que ele escreve sobre o que está acontecendo.

Ariel torceu o nariz enquanto folheava a revista. O que estava acontecendo, e que deixaria de estar acontecendo para Ariel assim que ele tomasse o caminho de volta para o centro de Edimburgo, era apenas um dos maiores conflitos do século XX, mas Tim raramente o nomeava.

— O que você fazia? Antes da guerra?

— Estudava pássaros. — Ariel franziu o cenho e o homem continuou: — Ciências Naturais, mas queria estudar pássaros.

— Isso é muito específico.

— Você veio do Brasil para estudar... o quê? Ah, *gordura*.

— *Partes moles* e ossos. É bem difícil, viu? — Ariel corrigiu e o cutucou com o ombro, recebendo em troca um empurrão amistoso e uma risada. — Tenho certeza de que pássaros são legais de estudar, só não imaginei que você fosse um passarinho.

O tenente abriu e fechou a boca. Ariel sabia a pergunta, Timothy sabia a resposta: soldados eram soldados e raramente tinham a chance de ser outra coisa. Era estranho pensar em um soldado como alguém fora do uniforme e longe das trincheiras, fosse observando pássaros ou escrevendo poemas.

— Tenente Hurst? Parece preocupado.

— Minha junta médica é daqui dois meses — Timothy explicou. — Me lembraram hoje cedo.

— Você acha...?

— Semana passada fui com alguns rapazes até Colinton. Havia um garoto se despedindo da família... — Ele respirou fundo e soltou o ar devagar, sibilando enquanto esfregava o rosto com as mãos. — Eu quase senti o peso do rifle dele nas mãos. Meus dedos começaram a formigar. Você sabe o resto...

A continuação silenciosa era fácil: *“Porque o mesmo acontece com você”*.

— Você se machucou? — O médico apoiou a mão no cotovelo dele.

— Wilfred me segurou. Ele é um toco de gente, o Wilfred, mas não me deixou bater a cabeça no chão. — Um sorriso fraco esticou os lábios manchados de sardas e Timothy cobriu a mão em seu cotovelo com a sua.

Ariel segurou a respiração por alguns segundos.

— Quer ver o Santos Dummont? — o médico ofereceu e viu o rosto de Tim se iluminar.

Ele sacou o celular e não tardou a encontrar vídeos do gato malhado

que havia ficado com a irmã enquanto ele fazia o estágio no exterior. De todas as maravilhas que um celular poderia oferecer, Tim sempre pedia a mesma coisa e Ariel nunca negava. Era irresistível ver aquele homem uniformizado, um segundo tenente do Exército Britânico, se derretendo com um gato amassando um cobertor.

— *Por que* ele faz isso?

— Ele está fazendo pão — disse Ariel, sério, e riu. — Ninguém sabe por que gatos fazem isso. Já ouvi que eles amassam pão quando se sentem seguros e confortáveis. — Ele olhou as mãos do oficial, descansando sobre as próprias pernas cruzadas. — É como quando *você* para de agarrar o próprio casaco.

Timothy abriu a boca para retrucar, pareceu esquecer as palavras e pressionou os lábios com força um contra o outro. Os dedos dele torceram o tecido da calça cáqui.

Ariel ouvira sobre alguns dos colegas de Timothy, todos oficiais do exército enviados para convalescer em Craiglockhart. Havia Harry que não conseguia falar e Wilfred que falava gaguejando; Jack que gritava algumas vezes à noite, todos os dias; e Ned que gritava a madrugada toda, mas só duas a três vezes por semana. Havia também Ollie, com ataques de nervos que o deixavam tremendo e suando até desmaiar; fora Ollie quem ensinara Timothy a se sentar e abaixar a cabeça quando os formigamentos nas mãos comesçassem, o prenúncio de uma crise de tremeliques, sudor e perda de visão que culminava na perda da consciência. Foi a mesma técnica que Tim usou quando Ariel teve um ataque de pânico na frente dele, na segunda vez que se encontraram.

— Sabe... — O tenente olhou para Ariel de esguelha. — O próximo concerto de sábado vai ter cenas de Shakespeare. Você quer vir? Volta e meia vem gente de fora. Alguns dos rapazes trazem moças que eles conheceram no vilarejo ou as esposas... — ele explicou, tossiu e ficou com as orelhas vermelhas. — Ou as mães e irmãos mais novos.

O médico olhou o tenente, sorriu e enrugou o nariz.

— Eu adoraria. Posso conhecer o “toco de gente” Wilfred?

Tim se afastou um pouco, olhando-o da cabeça aos pés com as sobrancelhas erguidas.

— Acho que *você* não pode chamar alguém de “toco de gente”.

— Exatamente. — O médico se empertigou. — É pra garantir que sou o menor homem que *você* conhece. É uma questão de honra.



Tim, em seu habitual uniforme e sobretudo, parecia à vontade. Ariel, substituindo o costureiro moletom pelas roupas formais do hospital, não conseguia parar de tamborilar os dedos contra a própria perna e estalar as articulações.

Enquanto desciam pela trilha parecida com a que Ariel usava para subir a colina, ele se perguntou quais as chances de acabarem em uma rua movimentada nos subúrbios da Edimburgo de 2019. Porém, quanto mais desciam, mais o silêncio reinava.

A fachada do casarão não havia mudado, apesar de ainda não haver traços do prédio da Universidade Napier.

Lá dentro, circulavam homens de todos os tipos: altos, baixos, fortes, franzinos, gordos, loiros, morenos. Todos usavam uniformes cáqui. Ariel, enfiado no sobretudo azul e uma gravata borboleta verde, sentiu que não poderia estar mais deslocado em qualquer outro lugar do tempo e espaço. Havia mulheres também, a maioria em uniformes de enfermeiras.

Com os sobretudos deixados no *hall*, Tim escolheu assentos no fundo do salão e Ariel apreciou a vista.

Era surreal. Nenhum filme ou fotografia seria capaz de reproduzir a sensação de estar ali. Ariel quase podia acreditar que eram todos figurantes de um filme, não fosse por detalhes que deixavam tudo mais palpável: um jovem que arrumava o cenário de lençóis e cortinas meticulosamente; dois oficiais sentados próximos das janelas, conversando e alternando-se para escrever em um bloco de notas; um oficial grisalho com um cachimbo na boca que dava tapinhas nos ombros dos homens pelos quais passava. E Timothy, claro, o mais real de todos, mesmo naquele uniforme que daria inveja em qualquer recriador histórico. Talvez fosse a realidade de Tim que instigou Ariel a aproximar sua cadeira, ficando perto o suficiente para a presença e o calor do tenente ofuscarem a estranheza do local.

As cenas eram de *Noite de Reis* e Ariel se empolgou de um jeito que não imaginaria se empolgar em uma produção amadora daquele nível. Os atores não eram profissionais, mas executavam seus papéis com tanta dedicação que pareciam saídos de um festival de teatro. E, apesar do público não ser tão empolgado, ninguém fez troça quando Orsino esqueceu uma fala e desandou a gaguejar; todos esperaram Lady Olívia lhe sussurrar o diálogo para que ele continuasse.

Em certo momento, Ariel se sobressaltou ao enroscar a mão em algo quando foi mudar de posição, até notar que se tratava da mão de Timothy e ela parecia querer se enroscar na dele.

Ariel olhou ao redor: todos estavam entretidos nas peripécias dos atores. Olhou para Timothy e o viu com os olhos presos no palco, lábios tensos e as orelhas vermelhas. O médico mordeu o lábio inferior e afastou a mão, tirou o próprio casaco e o pendurou no encosto da cadeira. Quando voltou a se sentar, deixou o braço pender ao lado do corpo, deliberadamente encostando na coxa de Tim ao fazer o movimento.

Dedos gelados encontraram os seus, entrelaçando-se um a um. O ângulo estranho possibilitava que o casaco pendurado os escondesse. Ariel pressionou os lábios um contra o outro, sentindo o calor subir pelo pescoço e o coração acelerar. Ele queria olhar para Timothy, ver se ele continuava com as orelhas vermelhas e o rosto sério, mas manteve os olhos no palco, sentindo os músculos relaxarem quando o polegar do tenente afagou a lateral de sua mão.

Quando os atores fizeram suas reverências, Tim e Ariel se afastaram, ficaram de pé e aplaudiram como todos os outros. O tenente se inclinou para sussurrar:

— Aquele ali perto da janela é o Wilfred.

Ariel arregalou os olhos e sorriu. Tim indicara os oficiais que haviam lhe chamado a atenção pela intensa discussão antes da performance. Não era preciso que Timothy explicasse qual dos dois era Wilfred: agora que estavam de pé, a diferença de altura entre eles era notável.

— Eu o apresentaria, mas tenho medo de Sassoon me espantar com um taco de golfe.

— Pelo menos já sei o importante: *eu* sou menor. — Ariel riu e encolheu os ombros. — E eu não quero interromper. Eles parecem bem entretidos.

— Devem estar editando poesia. Wilfred é o editor d’A *Hidra*. — Timothy revirou os olhos e deu de ombros.

A pequena multidão de uniformes foi deixada para trás e o ar gelado do início do outono os recebeu de braços abertos nos jardins, onde Tim respirou fundo no topo das escadas, colocando as mãos atrás das costas e esticando os ombros. Assim, ele parecia enorme em seu sobretudo cáqui.

Ariel abriu a boca para comentar sobre a peça quando, de esguelha, viu o tenente sumir de seu lado. Tim fez um barulho quase esganiçado quando escorregou no gramado inclinado que descia da escadaria, agarrando-se à primeira coisa que encontrava ao alcance: o sobretudo de Ariel.

A queda foi suave, amortecida pela grama, mas o ar fugiu de seus pulmões e os dois se viram estirados de costas, recuperando o fôlego. Ariel irrompeu em risadas primeiro, segurando a própria barriga em uma tentativa falha de não se debater enquanto ria. Timothy o olhou, assustado, antes de rir

de um jeito curioso que consistia em sacudir os ombros enquanto escondia a boca por detrás da mão.

— Sabe, ninguém vai te levar para uma corte marcial por rir. — O médico afastou a mão que escondia o rosto dele. — Crime é esconder essa risada, tenente.

Os ombros dele pararam de sacudir e Tim se levantou, espiou o casarão e acenou para que ele o seguisse. Ele atravessou o jardim a passos largos, que Ariel compensava com passos rápidos, e logo estavam nos limites do hospital. Salvo as estrelas, o céu estava completamente escuro.

Timothy parou e o puxou pelo braço, tirando-o do caminho para a colina e os escondendo sob as árvores de um dos inúmeros pequenos bosques que circundavam Craiglockhart.

Mesmo com seus 1,57 m de altura contra os prováveis 1,70 m de Tim, Ariel se sentiu um predador encurralando um coelho assustado. Seria engraçado se não fosse sério: um homem daqueles, que havia conhecido as trincheiras e atravessado a Terra de Ninguém, com pavor... do quê? Um beijo? Ficar de mãos dadas? Um abraço?

— Tudo bem?

Tim assentiu, apesar de parecer pronto para desmaiar.

— Quer colocar a cabeça entre as pernas?

Ele negou, mais seguro dessa resposta.

— Posso te tocar?

Um aceno positivo; curto, quase imperceptível.

Ariel segurou as mãos geladas dele, puxando-as para si e soprando ar quente nelas. Timothy riu e fungou.

Os lábios de Tim roçaram o maxilar de Ariel e depois desceram aos lábios. Seria uma mentira dizer que não estava apavorado, mas a tensão se desfez na mandíbula do médico quando os lábios de Tim se abriram. A outra mão de Timothy encontrou sua nuca e uma das mãos de Ariel se enfiou debaixo do sobretudo, agarrando a túnica cáqui.

Os beijos desajeitados com dentes e saliva demais, eventuais risadas e cotoveladas acidentais poderiam ter durado um ou dez minutos. Sem o sol para dar noção da passagem de tempo e com o tique-taque do relógio de bolso de Timothy abafado pelas respirações, Craiglockhart parou no tempo pela primeira vez.



Timothy começou a falar depois daquela noite.

Nos bosques de Craiglockhart, Ariel ouviu sobre o monitor do colégio e o professor substituto da universidade que inspiraram respeito e admiração em Tim. E também sobre o capitão que arrumara o capacete de Timothy quando ele chegou nas trincheiras.

— Ele foi alvejado duas semanas depois — explicou enquanto arrancava folhas de grama e as destrinchava em pequeninas tiras.

A morte do capitão interrompeu abruptamente os cenários na cabeça de Timothy: conversas e toques discretos quando eles voltassem para a Inglaterra. Depois, os únicos relacionamentos de Tim foram com seu rifle e sua baioneta. Até estar perto demais de uma granada e ser despachado para Londres por conta do estrago dos estilhaços. No hospital, a guerra ficou longe, os morteiros desocuparam sua mente e ele teve tempo de imaginar um futuro utópico com algum rapaz que, como ele, havia acreditado em *dulce et decorum est pro patria mori*.

Então, ele começou a gritar dormindo, ter medo do corredor, pular a cada estrondo e chorar copiosamente no meio das consultas. A perícia decidiu mandá-lo para Craiglockhart, onde todos tinham medo demais e toda fantasia que restara era feita de ecos dos gritos e choros ouvidos à noite.

— Aí você apareceu e eu pensei: “caramba, de novo não”.

— Por que “de novo não”?

— Porque nunca deu certo. Antes, os rapazes mal me conheciam e teriam me denunciado para o diretor se eu... bom... — Ele fez um gesto vago no ar. — O capitão Robbins morreu. E nunca conheci ninguém de verdade no hospital.

— Engraçado. Não estou vendo nenhum padrão problemático aí. *Eu* não tenho a mínima intenção de te denunciar para ninguém e não acho que tenho chances de ser morto por um alemão no meio de Edimburgo, seria muito azar. E você me conhece.

O tenente pressionou os lábios em um bico.

— O único padrão é você gostar de homens — Ariel falou, afagando o pulso de Tim até que ele soltasse o pedaço torturado de grama.

— Você, hm, segue esse padrão? — ele perguntou em fiapo de voz e manteve o rosto abaixado.

— Eu gosto de você.

A expressão de Timothy fez Ariel querer abraçá-lo apertado e lhe fazer um cafuné. Os lábios estavam curvados para baixo e o queixo tremia, os

olhos brilhavam e as abas do nariz tremiam a cada respiração laboriosa. Com esforço, Tim falou:

— Mesmo?

— Eu não estaria subindo esse morro quase todo dia, depois de passar horas no microscópio, se não gostasse.

Algo entre uma risada e um soluço sacudiu Timothy enquanto ele cobria a boca com as mãos. Ariel riu, passou um braço ao redor dos ombros dele e beijou-lhe a têmpora.

— Eu também gosto de você — Tim sussurrou quando abaixou as mãos, mantendo a cabeça próxima e aninhando-se no abraço.



Quando a perícia médica de Timothy Hurst aconteceu, dois meses haviam se passado desde *Noite de Reis* e eles fizeram questão de aproveitar cada minuto.

Cada bosque de Craiglockhart foi explorado e todos lhes ofereceram algum cantinho para se aninhar, conversar e trocar beijos. Às vezes, eles apenas ficavam em silêncio, vendo vídeos de Santos Dummont ou ouvindo músicas que Ariel tocava no celular (Timothy o surpreendeu com seu gosto por *Cats*, Springsteen e Jorge Mautner); às vezes, era apenas silêncio e respiração, dedos entrelaçados e eventuais suspiros que demarcavam a consciência da passagem de tempo.

Também existiam noites ousadas que envolviam ignorar o frio outonal em troca do pequeno luxo de ver e tocar um ao outro por entre camisas abertas em bosques mais distantes. Havia beijos mais intensos e afagos mais íntimos, acompanhados da mão de Tim que escondia a boca e que Ariel começou a achar um charme. Timothy também se mostrou fascinado por sinais e cicatrizes, tendo um carinho especial pelo peito do médico, com suas duas cicatrizes e inúmeras pintas. Ele fez perguntas, Ariel respondeu e os dois voltaram àquela exploração mútua.

Porém, nem mesmo o aspecto atemporal de Craiglockhart impediu que chegasse a hora de ver Timothy subir a colina depois da perícia.

O tenente soluçou e Ariel o segurou. Os músculos de Tim relaxaram a cada sacudida enquanto ele tentava falar, por entre as lágrimas, que a junta médica o havia considerado inapto para voltar ao campo de batalha.

— Vão me realocar para alguma função no Departamento de Guerra.

Eles seguraram um ao outro por minutos que, pela primeira vez, pareceram curtos demais. Também foi a primeira vez em que Ariel se sentiu

tentado a quebrar o acordo que haviam feito no início: nada importante sobre o futuro, nem mesmo sobre o fim daquela guerra. Foi o jeito de Ariel ignorar a bizarrice dos encontros e de Tim esquecer temporariamente o que o esperava nas trincheiras. Foi assim que Craiglockhart se tornou um lugar fora do tempo e espaço.

Mas havia tanta coisa para acontecer, tanto para machucar: a virada da década, o fim do mundo como Timothy conhecia e, logo, outra guerra.

— Parto para Londres depois de amanhã – Timothy falou e Ariel agradeceu por ele ter interrompido a vontade de despejar o futuro naquela conversa. — Consegue vir amanhã à noite?



O pequeno bosque era ideal para manter a luz amarelada do lampião de querosene quase completamente contida entre os galhos e as raízes, mesmo àquela altura do outono, em que tudo estava seco.

— Que horas é o trem?

— Sete da manhã.

Eles se encolheram entre as raízes de um salgueiro: Ariel com as mãos escondidas entre os joelhos e Timothy puxando fios imaginários da própria calça.

— Por que *Ariel*? — Tim quebrou o silêncio.

— Posso falar do futuro? — O tenente gesticulou para que ele continuasse. — Sabe *A Pequena Sereia*? Hans Christian Andersen? Um dia alguém vai fazer um filme sobre essa história e o nome da sereia vai ser Ariel. Quando descobri que o nome servia para homens, pareceu... certo. Não tem nada demais, na verdade: eu só assisti um filme sobre sereias e gostei do nome.

Ariel respirou fundo e se conteve para não fazer a conta de quantos anos Timothy teria quando o filme fosse lançado.

— É um nome bonito — disse Tim, esticando uma mão até engancha o dedo mindinho no do médico.

Os dedos se entrelaçaram com uma pressão leve. Ariel puxou o ar devagar quando Tim ergueu as mãos unidas e pressionou os lábios contra o dorso de seus dedos. Quando Timothy o soltou, foi para enfiar os dedos no bolso do sobretudo, agora livre da faixa azul na manga.

— Minha mãe mandou fazer no início da guerra. Uma para ela e uma para o meu pai. — Timothy entregou-lhe um pedaço de papel. — Meu pai faleceu faz dois anos, então uma ficou sem dono. Ela acha que vou deixar com alguma garota escocesa que vai sentir minha falta.

No retrato, Tim ainda tinha resquícios da suavidade da infância e uma seriedade de faz-de-conta enquanto olhava para além da câmera. As sardas pareciam salpicos no papel e o maxilar parecia menos proeminente.

— Acho que a última vez que revelei uma foto foi na minha formatura. — Ariel riu e sentiu os olhos arderem.

O médico guardou a foto no bolso com cuidado. Puxou então alguns papéis dobrados e os segurou firme.

— Posso falar do futuro? — Um aceno positivo e Ariel lhe entregou os papéis. — Não são meus. Você... ainda vai saber quem escreveu.

Ele observou o tenente ler os poemas copiados a mão. Havia considerado trazer as coletâneas de Sassoon e Owen, mas elas vinham com introduções e notas de rodapé com informações demais. E havia muita guerra neles; uma guerra nada idealizada, melancólica e rancorosa, e não era aquilo que ele queria.

— “Tímida, minha mão acoberta um santuário isolado grande o suficiente para ti e tuas breves horas”.¹ — Timothy começou a ler e se interrompeu para engolir em seco enquanto continuava. Ariel esperou, acompanhando o texto com o olhar. — Esse outro... “Mas quando as sirenes soarem, eu com outro fantasma estarei”.² É sobre gente como nós, não é?

Ariel sorriu e assentiu, erguendo a mão para afagar os lábios tensos do tenente. A sensação de ser contemplado ainda o pegava de surpresa e ele vivia em 2019. Para Timothy, vivendo em uma época em que homens ganhavam medalhas por matar e eram presos por amar, o sentimento devia ser muito mais forte.

— Eu gosto desse exatamente para lembrar do contrário: nós *não somos fantasmas*. — Ariel puxou o rosto do outro homem para o seu e encostou a testa na dele. — *Você não é um fantasma*. Quem escreveu isso vai ser lembrado por anos e muito além. Mesmo que ele tenha se sentido um fantasma enquanto escrevia. Sempre vai ter alguém para lembrar de nós.



Ariel segurou a respiração sob a máscara enquanto encarava o título em dourado contra a capa azul d’*O Guia para Aves de Yorkshire*.

Depois de um ano caótico que desestabilizou o mundo, Ariel nunca teria imaginado que encontraria o resquício de um refúgio enquanto explorava antiquários *vvv*, cansado e ansioso, esperando que as páginas de quinquilharias o distraíssem.

Com um dedo trêmulo, ele traçou o título e o nome do autor. Respi-

rou fundo, ouviu o ruído dentro da máscara, esquecida no rosto na agonia de abrir o pacote ao chegar em casa, e a tirou, pendurando-a antes de voltar para o livro.

No prefácio daquela terceira edição, uma ornitóloga tecia elogios ao autor e ao ilustrador, expressando também seus sentimentos pela morte do artista depois de trinta anos de parceria entre os idealizadores do livro.

Ariel sentiu o ar escapar dos pulmões ao virar a página e ver Timothy. Na foto, sentado no braço de uma poltrona, ele era um homem no outono da meia idade, menos assustado e ainda sardento, sorridente e com reentrâncias nos cabelos loiros. Havia outro homem ocupando o assento e equilibrando um caderno sobre as pernas cruzadas. O desconhecido tinha cabelos escuros e mantinha o rosto erguido para olhar o parceiro. Era apenas uma fotografia, mas Ariel havia aprendido no microscópio que uma imagem parada no tempo podia contar a história de uma vida inteira.

T. P. Hurst, autor, e C. P. Bradshaw, ilustrador, durante a preparação da segunda edição deste livro, 1951.

Ariel soluçou ao virar a página da dedicatória, levantando uma mão para esconder a boca e imitando o gesto que não via há tanto tempo.

Para Christopher, pela primeira vez, e Ariel, pela terceira vez.



Pessoa certa, hora errada:

A Casa do Lago e Your Name



Thais é geminiana com ascendente em aquário, o que é um desafio constante para sua lua em capricórnio, única responsável por mantê-la ancorada na terra. Adora ler e escrever coisas trevosas e tem uma história pronta para contar toda vez que perguntam por que odeia tanto Platão. Seu encontro perfeito envolve queijo, batata frita e conversas estimulantes sobre assuntos potencialmente inúteis.

Aviso: esse texto contém spoiler de ambos os filmes!

O sol se põe; seus raios refletem-se na água do lago, fazendo-o cintilar.

Pode ser que com essa cena você pense em Alex e Kate, ou pode ser que Taki e Mitsuha venham à mente primeiro. Não há escolha errada aqui, seja com *A Casa do Lago* ou *Your Name*. Mas prepare os lençinhos – você vai precisar.

Há uma constelação de detalhes que aproximam esses dois filmes: a linda paisagem com um lago onipresente, o interesse do mocinho em arquitetura, encontros unilaterais em trens, a comunicação epistolar entre o casal... Porém, há um que se destaca mais do que os outros: o tempo.

Apesar de conseguirem se comunicar, Alex e Kate não vivem no mesmo ano. Nem Taki e Mitsuha. Dois anos separam os primeiros, e três os dois últimos. Alex não consegue ir ao encontro marcado com Kate; Taki descobre a cidade de Mitsuha em ruínas... Algo de mágico os une, mas o tempo os separa. Esse algo de mágico, no entanto, ao conectá-los, oferece também uma segunda chance. Uma chance de salvação, uma chance para que, no futuro, eles possam ficar juntos.

Ambos os filmes narram uma jornada intensa; nos apaixonamos junto com os protagonistas e questionamos como duas pessoas que nunca nem estiveram num mesmo cômodo juntas conseguem se conhecer tão bem, ao ponto de se apaixonarem tão perdidamente um pelo outro.

Igualmente, nas duas histórias, nos aguarda o partir de nossos próprios corações. Ao nos depararmos com a finalidade do destino, a certeza de coisas que já aconteceram, choramos junto com os protagonistas.

Felizmente, apesar de tão semelhantes ao nosso mundo real, esses mundos são mágicos o suficiente para que ainda haja uma chance de reparação. Afinal, por que essa conexão que desafia o tempo seria dada a nossos protagonistas se os eventos fossem todos imutáveis? O tempo é fluido e corre em mais de uma direção. Kate e Taki usam dos recursos que têm disponíveis

para dar o aviso, para permitirem que Alex e Mitsuha sejam capazes de salvar a si mesmos.

Demora mais um pouco, e talvez as coisas não sejam como antes, mas no fim o tempo entre eles, entre Kate e Alex e entre Mitsuha e Taki – enfim! –, converge.

E agora que os créditos começaram a subir, não hesite em usar aquele lencinho que eu avisei que você ia precisar. Eu também já estou com meu em mãos.

Fichas técnicas

A Casa do Lago

Ano: 2006

Nacionalidade: Estados Unidos

Diretor: Alejandro Agresti

Elenco: Keanu Reeves (Alex) e Sandra Bullock (Kate)

Your Name

Animação

Ano: 2016

Nacionalidade: Japão

Diretor: Makoto Shinkai

Elenco (dubladores): Mone Kamishiraishi (Mitsuha) e Ryūnosuke Kamiki (Taki)

Leia apenas quando eu não souber o seu nome



Ana consome romances no café da manhã, de preferência com três colheres de açúcar, e se pudesse viveria em um musical porque cantar sobre seus sentimentos faz tudo ficar melhor. Amante dos clichês, seu encontro perfeito envolve sorvete e o fim de uma tarde de verão.

Eu esperava estar preparada para essa carta. Esperava que quando o momento chegasse eu soubesse exatamente quais palavras lhe dizer para te assegurar que tudo ficaria bem. Ingenuidade minha, é claro, porque nada nesse universo inteiro te prepara para se despedir do amor da sua vida quando ele ainda nem ao menos sabe quem você é.

Essa foi a pegadinha, não foi? Dois viajantes no tempo se apaixonando em linhas temporais opostas, torcendo para que cada novo encontro não fosse o último, ou o primeiro. Pelo menos posso dizer que nós soubemos aproveitar o tempo que tínhamos - eu sei que essa é uma piada velha em qualquer direção temporal que você se encontre, mas também sei que essas são as suas favoritas.

A verdade é que eu não estava preparada para o vazio dos seus olhos ao encontrar os meus, a ausência de toda nossa história por trás do seu brilho azul, nem uma lembrança da minha pessoa. Só assim finalmente entendi seu comportamento quando o encontrei pela primeira vez. Irônico, como só consegui entender a imensidão do seu amor quando sei que nossa história chegou ao fim, não é?

Éramos poesia, dois barcos em marés opostas, estrelas cadentes cruzando um céu, pétalas contrárias de uma flor no fim da primavera, qualquer uma dessas analogias que seu coração imenso gostava de criar, com apenas uma coisa em comum: o destino de terminamos nossas vidas longe um do outro.

Eu já te amava naquele instante, quando ainda nem sabia direito quem você era e quando achei que estava lhe perdendo. Passei minha vida guardando nossos encontros como pequenos tesouros, sabendo que um dia seria minha vez de assistir o começo do seu amor.

Agora entendo a dor no seu olhar.

Você teve mais compostura, admito, mas sei que foram essas palavras que lhe deram a coragem de soltar minha mão.

Por isso que, preparada ou não, aqui estão elas: Eu te amo. Por todo tempo e espaço, eu te amo.

Esse pedaço de papel é nosso buraco de minhoca, nos unindo de novo, longe do impacto do tempo, são nessas palavras que estamos juntos novamente, pela última vez.

Museu extratemporal da humanidade



Mônica Beatriz é formada em Estudos Literários pela Unicamp. Participou das antologias *Além do Arco Íris* (2018) e *Deuses Gregos* (2020), apareceu no projeto *Ao Mar da Quarentena*, publicado na revista *Mallarmargens*, e na coletânea *Escritos da Quarentena*, vol. 1 – *Crônicas* (2020), do Setor de Publicações do IEL. Escreve compulsivamente desde os 12 anos e pretende continuar assim. Gosta de conversar a fundo sobre tarô, astrologia e quiromancia e de fingir que não leva nada disso a sério. É uma tipo 1 do eneagrama.

— Nós já estivemos aqui — diz Noé, assim que damos um passo para fora.

Eu aperto as mãos em punho para me ajudar a manter as imprecisões dentro da cabeça. Como ele faz isso?

— Ah, é? — pergunto, da forma mais desinteressada e casual que consigo. — Não lembro. Quando estamos?

Ele franze o cenho para mim sob cachos e gorro azul marinho, alertado de que estou mentindo pelo mesmo sentido que distingue o cheiro da década no ar.

— Foi você que escolheu o destino.

— Eu sei que fui eu que escolhi! Estou te testando — digo, girando a chave entre os dedos antes de guardá-la no bolso.

Olho para trás, para a fachada da casa de onde acabamos de sair. A cor é um rosa-chá horrível. Eu nunca pintaria a minha assim, mesmo se tivesse sofrido a lavagem cerebral deste período.

— 1952.

— Mês? — adiciono. Então, penso de novo. — Quer saber, deixa pra lá. Você já é assustador o bastante.

Noé faz uma expressão contrariada enquanto bate duas vezes com a ponta da bota no chão. Contenho um sorriso. Os cerimoniais dele são simpáticos.

— Não é assustador reconhecer lugares onde já se esteve — resmunga consigo mesmo. — Ou incomum.

Realmente, não é incomum, não para pessoas com o triplo do tempo de trabalho dele. Para todas as medidas, Noé é uma anomalia. Jovem demais para capitanear um transporte, jovem demais para estar encarregado de uma ala inteira. Gosto de acreditar que é por isso que escolheu a mim como piloto e navegador; também tenho um pouco de experiência com ser a pessoa diferente na sala.

Mas ele não aceita provocações muito bem, então encerro a conversa.

— Enfim, sem perder tempo. — Sorrio, deleitado com meu próprio bom humor.

Noé me lança um olhar de esguelha que diz que entendeu a piada, mas não porque eu a considero engraçada. Simultaneamente, conferimos nossos relógios de pulso.

— Dezoito horas, 34 minutos — dizemos juntos.

Noé puxa seu relógio de bolso de encarregado, conectado ao escritório central. Aguardo, com ansiedade, querendo eu mesmo conferir a face do relógio, apesar de ser bastante ruim em lê-lo.

— O período ideal é de 46 minutos — ele completa, e, depois de segurar os xingamentos anteriores, desta vez não consigo. Noé olha para mim em absoluto choque. — O que foi, Emanuele?

— Nada. Pouco tempo. Temos que ir. Vamos. — E começo a correr.

Esta não é uma época familiarizada com a associação dos conceitos de mulheres, calças e corrida, então tomei especial cuidado ao me vestir. Não sou uma mulher, mas, a menos que pense a respeito de como me visto e porto, me pareço com uma aos olhos desta década. Tampouco sou um homem, mas é a identidade de gênero que me dá mais liberdade durante certas missões. Minha gravata esvoaça conforme corro e meu casaco é robusto o bastante para que ninguém consiga procurar uma resposta pelo formato do meu corpo. Meu cabelo, curto como o prefiro, está escondido sob um lindo Fedora, que seguro para garantir que não vá ser levado pelo vento gelado. Perder algo em qualquer espécie de viagem é um pesadelo burocrático, mas neste caso seria pior do que o normal, considerando que não deveríamos estar aqui.

Apesar do ruído das pessoas e das correntes de ar, escuto os passos pesados de Noé atrás de mim. Desacelero apenas o suficiente para que estejamos correndo lado a lado e ele possa fazer as perguntas que quer sem berrar.

— Nós viemos aqui em janeiro, antes — relembra, a voz só um pouco abalada pela corrida. — Pegar algo da coroação da rainha Elizabeth II. Agora é final do ano, não é?

Ele sabe, e não é por causa do clima. Já consegue sentir os traços de 1953 sugerindo-se entre os determinantes de 1952. É uma sutileza que não pode ser adquirida pela prática.

— Outubro — clarifico, enquanto cortamos pelo bairro de West End.

As ruas estão cheias, apesar do frio. São anos complicados para o teatro, com a lei da censura, mas isso só quer dizer que dramaturgos e companhias precisam ser mais criativos. O público não diminuiu.

— E o que há em Londres em outubro?

Noé é bom em decorar manuais e seguir regras, mas não é necessário ter seu cérebro para lembrar os três mandamentos do Museu Extratemporal

da Humanidade. Número um, não interferir. Número dois, obedecer ao tempo de permanência recomendado. Número três, não fazer viagens por motivos pessoais ou lazer.

Quando inseri os dados do destino, eu pretendia quebrar dois.

Em momento algum foi uma boa ideia. Muito do meu plano depende da leniência de Noé — algo que a maioria de nossos colegas não acredita existir. Eu, que completei dez missões seguidas com ele, sei o suficiente a seu respeito para saber que é *capaz* de leniência, mas que depender dela é uma aposta arriscada.

— Sempre há muito acontecendo em Londres. Tantas pessoas no mesmo lugar — desconverso.

Noé para de correr. Considero continuar sem ele, mas não consigo imaginar isso terminando bem para mim. Alguns passos depois, paro também, com um suspiro. Quando viro, ele parece uma estátua no meio da neve: alto, negro, sério, nem seguindo a moda do período, nem parecendo fora de lugar. A menos que estejamos em algum momento muito específico, Noé usa as mesmas peças de roupa. A gola do casaco Chesterfield está levantada, mantendo seu cachecol verde escuro no lugar. Suas mãos estão nos bolsos. Ele parece quentinho, mas não amigável.

— Emanuele — diz, sem recriminação. Mas eu sei que está a mais uma desculpa esfarrapada de confiscar a chave de mim.

Mudo meu peso de um pé para o outro e seguro a ponta de minha gravata entre os dedos enquanto penso em como vou apresentar a situação sem arruinar tudo.

— Por que você só não vem comigo? — proponho, e ele continua me olhando, esperando que eu dê um motivo. Por sorte, não preciso mentir. — É historicamente relevante, eu juro. Não está no itinerário ou na lista de aquisições, mas eu acho que vale a pena.

Ele coloca a mão por cima do bolso interno em que fica o relógio, como se tentado a buscar a entrada de acontecimentos de 1952 e bater com as listas de objetos já recolhidos e a recolher pelo Museu, para descobrir sozinho sobre o que estou falando. É o tipo de trabalho de escritório que me dá vontade de bocejar só de pensar a respeito, mas que para Noé seria um dia divertido.

— Historicamente relevante — repete, para confirmar.

Eu sei que já consegui o que queria. Vamos ficar. A única coisa capaz de fazer Noé desobedecer a instruções é a perspectiva de ver e registrar mais História.

Todos dizem que seu cérebro funciona diferente, mas eu tenho outra teoria. Acho que o que faz Noé diferente é a paixão. Ele vem de um ponto

temporal muitíssimo adiante do meu, em que quase todos os registros dos primeiros cinquenta mil anos do *Homo sapiens* foram destruídos por catástrofes naturais. Seu presente é uma *tabula rasa* privada de História, feito de construções e de livros com menos de cem anos. As casas são todas iguais e todos os livros cabem em uma única biblioteca. Dizem que, quando entrou no Museu pela primeira vez depois de ser recrutado, ele tentou andar sua extensão inteira de uma vez só, chorando o tempo todo.

As pessoas contam isso rindo, como se de alguma forma a anedota o tornasse menos impressionante. Sempre achei o oposto.

— Com certeza — digo, antes de voltar a correr.

Desta vez, ele me acompanha desde o primeiro passo, lendo minha mente sobre o que vou fazer a seguir.

— Então, é uma missão de reconhecimento para construir o caso de uma possível aquisição? — ele pergunta, e sua voz não muda muito e não consigo ver seu rosto, mas sei que está animado. — Por que não inseriu o pedido de viagem na Área de Pesquisa e Catalogação?

— Muito burocracia — respondo, sem precisar pensar. É convincente porque é verdade.

Espero que Noé defenda o sistema e o processo do Museu, como costuma fazer.

— Os pedidos demoram para ser avaliados — concorda.

Quase tropeço. Sempre uma novidade, com ele. Dou uma risada, imaginando o que poderia estar por trás do que, para ele, soa quase como uma crítica ao sistema do Museu.

— Quantos você já submeteu?

— Quinhentos e oitenta e nove — fala, na velocidade de uma bala, o número fresco na memória. — Só sete foram processados para a segunda fase de avaliação.

É terrível demais para se fazer qualquer comentário, então apenas balanço a cabeça. Estamos quase lá. Sou forçado a diminuir o passo, pois a multidão começou a ficar mais densa. Espero que o lugar aonde quero ir não esteja assim. Noé está colado às minhas costas, seguindo o caminho que abro. Tento me concentrar na direção certa a seguir, e não na proximidade.

— Pra falar a verdade — ele diz, e está mais perto do que eu pensava, falando ao meu ouvido —, acho admirável o que você está fazendo. Tomando conta do assunto por si mesmo. Eu nunca fiz isso. Fico contente de poder ajudar.

Por múltiplos motivos, meu coração salta e passa a bater na garganta. Desde o começo, eu sabia que estaria lidando com duas possibilidades: ou

Noé ia adorar, ou pediria minha substituição imediata. Por mais agradáveis que sejam os elogios, o fato de ele estar interpretando a situação como “Emanuelé é profissional e dedicado” pode acabar me prejudicando quando descobrir o motivo real de estarmos aqui. Minhas motivações não são profissionais. Dedicado, talvez, mas não à causa.

Espero estar errado. Vejo a marquise do teatro, e meu coração não tem a chance de desacelerar, pois é agora que vou descobrir o que vai acontecer.

— Chegamos — digo, soltando o fôlego, tentando acalmar meus nervos.

Noé analisa a fachada do St. Martin’s Theater, buscando o detalhe historicamente relevante que prometi.

— “A Ratoeira” — ele lê em voz alta. — “Estreia da mais nova peça de Agatha Christie”.

Dentro do meu bolso, agarro a chave com força. Talvez seja a última vez.

— São várias coisas — começo a falar, antes que ele tenha tempo de se enfurecer. — Primeiro, essa foi a peça com a mais longa encenação contínua dos séculos XX e XXI. Segundo, temos outros artefatos de Agatha Christie, mas esse diria respeito à sua contribuição para o teatro, não para a literatura. Terceiro — paro para tomar fôlego e coragem — eu sei que você gosta dela. E pensei que poderia gostar de assistir à estreia de uma de suas peças.

Passam alguns segundos em que Noé não expressa reação. Escondo minha outra mão, pois agora as duas estão tremendo.

Fui recrutado de um tempo em que não havia recursos para compreender minha identidade. Não se identificar com o binário em 1890 era se tornar incognoscível, aos outros e a mim mesmo. Quando fui apresentado a Noé, vindo de um momento muito posterior, a primeira coisa que ele me disse foi: “como gostaria que me referisse a você?”. Eu precisei que ele explicasse o que queria dizer.

Não havia padrões de comportamento, aparência, gênero ou sexualidade na equipe do Museu. Éramos de anos, séculos e milênios radicalmente diferentes uns dos outros; não podíamos esperar que todos agissem da mesma forma. Mais tarde, eu aprenderia que a pergunta dele não era uma raridade, mas uma introdução comum a um novato. Isso não me fizera esquecer sua gentileza. Tampouco anulou minha propensão a segui-lo com os olhos, a acompanhar suas conquistas, a desejar conhecê-lo.

E eu o conhecia, agora. Viajara com ele para momentos sobre os quais nenhum de nós tinha conhecimento. Salvava sua vida, e ele a minha, mais de uma vez. Observara a reverência com que presenciava a História, com que guardava seus fragmentos, com que se esforçava para preservá-los.

Quanto mais sabia sobre ele, mais queria saber. Mais o queria.

Noé inclina a cabeça para o lado, pensativo. Dou um sorriso fraco em resposta, suando na noite fria.

— A peça com certeza dura mais do que os 31 minutos restantes da nossa janela ótima — ele diz.

Assinto, sem conseguir desviar os olhos de seu rosto. Noé não tem reações emocionais de larga escala. Se estivesse enraivecido ou sentindo-se traído, eu saberia apenas por pequenas pistas em suas expressões, por sua inflexão de voz.

— Não precisamos ver tudo se você não quiser — falo, minha voz esganiçada. — Não precisamos ver nada, se você não quiser...

A fila para a compra dos ingressos está se formando. Noé balança a cabeça, devagar, como se não pudesse acreditar no que ouve. Aperto a chave mais uma vez e solto, despedindo-me.

— Você sabia que eles pedem para os espectadores não contarem o final da peça? Para manter a surpresa para os próximos? — Noé fala, fechando os dedos da mão esquerda em torno do indicador direito, depois do dedo médio. Um gesto de ansiedade. Um gesto de entusiasmo. — E funcionou, considerando o tempo de exibição. Eu não sei como termina. Nunca li. Achei que estragaria o efeito.

Meu rosto sorri antes de ele terminar a frase, em uma reação automática. Meu coração continua acelerado. Talvez essa seja sua velocidade permanente a partir de agora.

— Então, você quer ver?

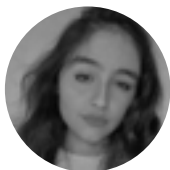
Noé segura a manga do meu casaco entre seus dedos nervosos e começa a me puxar em direção à fila.

— Você nos trouxe até aqui. Não posso deixar passar a oportunidade. É um momento histórico!

Seu sorriso, tão raro, é radiante. Eu, desorientado e exultante, tenho um pensamento febril sobre a necessidade de enviar um pedido urgente demandando sua catalogação.



Cinco minutos



Tina é sagitariana, manteiga derretida e romântica incurável. Se encontrou nos clichês e não consegue se imaginar escrevendo algo que não tenha romance. Não vive sem assistir novelas, café e bolo de cenoura e sua nova meta pessoal é assistir, pela milésima vez, *Grey's Anatomy* desde a primeira temporada.

Os meus olhos estão grudados em meu reflexo turvo e mal iluminado no espelho de moldura dourada consumida pela ferrugem, enquanto meus dedos apertam, sem descanso nenhum, a corrente delicada e seu pingente em forma de gota, que deveria estar em meu pescoço.

Respiro fundo mais uma vez, engolindo o choro e tentando me concentrar. Sinto que, se eu mentalizar o suficiente, ainda consigo ouvir a melodia suave do quarteto de cordas que estava no andar de baixo, tocando valsa para um salão tomado por convidados no momento exato em que eu... *voltei*.

Estava nos braços de Martin quando tudo aconteceu.

Nós havíamos conseguido escapar dos olhares atentos e, apesar de todas as camadas do vestido, não foi difícil me locomover até uma sala vazia e mal iluminada do andar de cima. Afinal, depois de mais de três meses os usando diariamente, eu já considerava estar muito mais do que acostumada com a anquinha e espartilho, e nem mesmo os tecidos pesados e babados da saia eram capazes de me parar. Bom, pelo menos *não* quando se tratava *dele*.

Desde o momento em que coloquei meus olhos em Martin soube que minha vontade de ficar ao seu lado era maior do que muita coisa. Nem mesmo minha vontade de checar minhas redes sociais ou a saudade da minha coleção de calças jeans eram maiores.

Solto uma risada amarga, ao mesmo tempo que me lembro que, apesar de ter estranhado e desejado com afincos minhas calças no instante que entendi que ficaria presa em 1884, já não sentia mais falta delas. E agora que estou outra vez dentro de uma, não poderia querer menos.

Para ser sincera, tudo o que eu queria eram mais cinco minutos com ele, ou pelo menos ter mantido meus olhos bem abertos para ver seu rosto uma última vez antes de ser trazida de volta. Era o que eu teria feito se soubesse que poucos segundos depois ele iria se desfazer como névoa, e que no instante que eu abrisse meus olhos iria me deparar com os escombros do que resistiu através dos séculos, da casa em que antes estava.

Porém, me lembro detalhadamente da sucessão de acontecimentos

que me levaram a despertar, em pé, na frente de um espelho e uma cama desarrumada, com um conjunto completo de roupas debaixo de linho e *bustle*, sendo chamada pelo nome da filha mais nova de um Barão do café.

Aqui — no presente — sou historiadora e trabalho junto de uma equipe de pesquisadores liderados pelo Instituto de História e Arqueologia da universidade onde me formei. Nossa mais nova parada era uma cidade pequena no oeste paulista, catalogando documentos recém-descobertos de uma propriedade que foi doada e, em seguida, tombada pelo estado.

Desde que firmei meu lugar na equipe, percebi que era apaixonada pelo que fazia, mas estaria mentindo se dissesse que o casarão neoclássico não tinha algo que chamava a minha atenção de um jeito especial.

Era como se eu conhecesse cada corredor e soubesse onde todos os objetos algum dia estiveram e, pensando bem, eu *realmente sabia*.

Foi assim que eu encontrei documentos e cadernos corroídos ao lado de um relógio de bolso com os ponteiros fixos no meio dia e um colar com pingentes intactos em um cofre.

Uma sensação de reconhecimento fazia eu sentir que pertencia àquele lugar, àquela época. Como se todas as minhas ações ao longo de um pouco mais de duas décadas de existência tivessem sido apenas artimanhas do destino e do tempo para me levar até ali.

As janelas estavam abertas, era pouco antes das seis da manhã e o Sol já tinha nascido. Por mais que fosse muito antes do início de uma nova busca pelos andares, eu já estava acordada. Não tinha conseguido dormir, estava inquieta e passei mais de três horas ininterruptas rolando de um lado para o outro no colchão desconfortável da pousada onde estive hospedada. Sentia que algo estava para acontecer, era uma sensação quase palpável e cada vez mais perturbadora.

Lembro que o vento forte batia nas árvores e que suas folhas mal se mexiam, como se aquilo fosse o prenúncio de que algo iria acontecer em breve. Minha intuição, que sempre fora ótima, também me dizia isso, apesar de nunca ter sugerido algo como uma viagem temporal. Nunca pensei que isso fosse possível.

Eu fiquei inquieta e em busca de sinais que me fizessem entender porque sentia um arrepio estranho, e quando me dei conta, já tinha trocado de roupa, deixado a pousada e voltado para o mesmo quarto que estou agora. Parada no mesmo lugar onde estou.

E então, *instantes depois, não estava mais*.

Passo meus dedos no topo de minhas bochechas, afastando algumas

lágrimas, enquanto meus olhos finalmente desgrudam do espelho e vasculham o ambiente atrás de algo que explique porque eu voltei ou que me faça retornar para o passado, de onde nunca deveria ter saído.

Aperto o colar em meus dedos com mais força.

Além de que já deve passar das dez da noite, não tenho noção de mais nada. Estou completamente perdida e confusa, me sinto deslocada.

Se pelo menos pudesse pedir ajuda... Mas não, *estou sozinha*. Poucas vezes não estive sozinha no presente, apesar da universidade e do trabalho, e é certo que ninguém acreditaria em mim se dissesse que fiz uma viagem no tempo.

Continuo olhando ao redor, tentando, ao menos, me sentir feliz por ter visto o quão bonito aquele mesmo cômodo já tinha sido — os móveis feitos em madeira escura, cortinas e tapetes em um tom bonito de bege claro perolado, bem diferente do local empoeirado com o papel de parede consumido pelo mofo —, tentando ser grata a qualquer que seja a força mística que me juntou com Martin.

Mas não consigo.

Não quando fazíamos planos, não quando estava e ainda estou apaixonada. A única coisa que sinto é que tudo é um grande engano e uma injustiça. Não é justo que eu tenha voltado antes de conseguir viver ao lado dele. Estou transtornada e inconformada, e não sei se um dia será diferente. Ainda mais quando a sensação de tristeza que esmaga meu peito me faz pensar que posso desabar e definhar a qualquer instante.

Eu sequer pude me despedir, e agora penso que apenas memórias não vão ser suficientes para eu viver pelo resto da vida.

Meus olhos são atraídos outra vez para o meu reflexo no espelho e eu os abro o máximo que posso quando começo a ver, novamente, o meu reflexo com o vestido de baile azul escuro e sem mangas que estava usando antes, apesar de eu ainda sentir que estou dentro do meu jeans.

Finalmente engulo o bolo que estava alojado em minha garganta, sentindo a mesma sensação de que algo estava para acontecer que tive na madrugada da noite em que eu atravessei os séculos.

Meu reflexo com o vestido se torna cada vez mais nítido. Dou um passo à frente, fazendo com que não exista mais nenhuma distância entre o espelho e eu, e não me contenho a pressionar minhas digitais nele.

Meu reflexo não segue meus movimentos e eu deixo minhas primeiras lágrimas escaparem quando percebo que esse é o meu último vislumbre aos meus dias no passado.

Como um adeus.

E se eu acreditava que o universo e o tempo estavam sendo cruéis em fazer com que eu tivesse um último vislumbre de como eu estive, é porque não fazia ideia do que estava por vir.

Aos poucos a minha imagem sumiu, a superfície foi tomada por vapor e quando voltou a ser nítida...

Quando voltou a ser nítida eu o vi.

Meu Martin.

Meu Martin estava do outro lado do espelho.

Espalmei minhas mãos na superfície de vidro e depois levei meus dedos para a altura de onde seu rosto estava, tentando contornar cada um de seus traços, sem tirar meus olhos de suas íris esverdeadas.

Já teria sido doloroso vê-lo, mas senti como se tivessem rasgado meu peito quando seus olhos se iluminaram ao constatar o mesmo que eu. Apesar de eu não conseguir ouvir sua voz, eu sabia que ele estava chamando por mim.

O homem à minha frente, com suas sobrancelhas juntas e a testa franzida, não entendia o que estava acontecendo, mas, afinal de contas, como poderia?

Conheci Martin no mesmo dia e manhã em que fui para o passado.

Todos me chamavam por *Cecília*, nome que eu reconheci dos documentos que cataloguei quando estava no presente.

Os gritos fora do quarto eram da governanta, mandando que eu terminasse de me arrumar e descesse logo, porque meu novo professor de piano me esperava na sala de visitas. Pelo que entendi, Cecília era uma aluna tão ruim que os antigos professores foram embora antes de completarem uma quinzena.

Eu me vesti rápido, e estava desajeitada demais para fazer jus ao jeito desconcertado e encantado que ele me olhou quando fomos apresentados. Ninguém nunca tinha me olhado daquele jeito.

Por mais que, nas primeiras noites, eu tenha procurado modos de voltar para o presente, entendi rápido que deveria parar porque nada iria acontecer, e o melhor que eu podia fazer, além de me conformar em assumir a vida de Cecília, era simplesmente viver a experiência surreal com a qual estava sendo presenteada pelo tempo. Afinal, não estava sendo uma experiência, de um todo, ruim.

Se eu pudesse dizer que estar em 1884 tinha suas vantagens, Martin

e o piano estariam entre elas. Eu sempre quis aprender a tocar piano e ainda estava apaixonada pelo professor, era uma boa oportunidade, e, apesar de eu estar longe de ser uma aluna talentosa, era persistente e estava empenhada em conseguir tocar qualquer música que Martin tentasse me ensinar, se isso significasse estar perto dele por algumas horas. Treinei com tanto afino e empenho que todos se espantaram. O piano se tornou meu companheiro durante todas as horas do dia em que pude tocar.

O casal que eu chamei como pai e mãe viam a evolução no piano com bons olhos. Era muito evidente que tocava melhor do que nunca e com paixão. O Barão e a Baronesa também gostavam de Martin o que me surpreendeu no início, afinal ele ainda era um funcionário de uma família pertencente a elite paulista cafeeira, mas logo percebi que nem sempre os Azevedo seguiam o que deveria ser o modelo e eu estava feliz por estar em uma casa exceção à regra.

A primeira vez que estivemos juntos e longe do piano foi em um passeio à cavalo e ele nem parecia acreditar que eu tinha aceitado o seu convite. Foi algo que se repetiu por vários dias, como as aulas de piano, até que nós começamos a sair pela cidade, em feiras e festas típicas. Os vizinhos pareciam mais escandalizados por ele ser um professor pobre do que por estarmos sozinhos, mas nós não dávamos importância aos mexericos e nem o barão, o único que poderia nos afastar. A única coisa que importava era o laço que estávamos construindo e empenhados em manter.

Apesar de nossa primeira dança ter acontecido em um sarau, nosso primeiro beijo foi enquanto tínhamos mais uma de nossas aulas, em frente ao piano. Nada mais justo, eu suponho.

O Barão, não ficou nem um pouco surpreso quando meu professor, em palavras das matronas fofoqueiras, teve a petulância de pedir autorização para fazer a corte.

A festa em que estava antes de voltar para o presente era a nossa festa de noivado.

Martin e eu organizamos tudo juntos, e o casamento deveria ser marcado para breve. Fazíamos planos para uma vida juntos e o barão tinha até mandado que reformasse a casa da capital para que nos mudássemos assim que a cerimônia fosse finalizada. Desejei com tanta intensidade que pudéssemos passar, pelo menos, os próximos cinquenta anos juntos e saudáveis.

Estava tudo acertado, desde o casamento e também o fato de que iríamos estar à frente dos negócios da família quando o Barão decidisse se apo-

sentar, junto com minha irmã mais velha e cunhado.

Porém, nada disso aconteceria.

Martin está em 1884 e eu estou há quase 140 anos de distância.

Lágrimas grossas, quentes e dolorosas, que me rasgam de dentro para fora e me estraçalham como uma adaga no peito, rompem minha visão, ao mesmo tempo em que ele bate com força na barreira que há entre nós e nada acontece.

Eu tento me livrar delas, porque percebi que essa era a chance de vê-lo uma última vez. Sequei os olhos e controlei minha respiração o mais rápido que pude, sem nunca tirá-lo de meu campo de visão.

Meu Martin era lindo e eu pretendo ao menos levar seu rosto comigo.

Passam-se *cinco minutos infames* e do mesmo jeito que sua imagem chegou para mim, ela se esvai. Perco não apenas o seu rosto, mas também o rumo.

Meu próximo movimento só acontece instantes mais tarde: minha mão se abre devagar e eu dou um sorriso fraco percebendo que pelo menos o colar sobreviveu.

Não, não foi apenas o colar que sobreviveu. Vou levar o amor de Martin comigo. Acho que era a isso que o poeta se referia quando pedia que fosse eterno enquanto durasse.

E, seguindo essa lógica, a nossa história foi.

Os paradoxos da viagem no tempo



Thiago Loriggio queria ter tempo para escrever todas as ideias que vêm à sua mente. Ou, quem sabe, viajar para um futuro onde já escreveu tudo. Se bem que não; aí onde estaria a graça?

Suas histórias já apareceram em lugares como Dragão Brasil, Trasgo, Taverna e Faísca. De vez em quando está pelo Twitter.

Ah, quem nunca se apaixonou pela ideia de viajar no tempo? Voltar e reviver os bons momentos, ou avançar e sanar a curiosidade do que o futuro trará? É um campo riquíssimo para a ficção, popularizado dois séculos atrás pela novela *A máquina do tempo*, de H. G. Wells. Nela, a motivação do protagonista é o amor: ele volta no tempo para impedir a morte da amada (ok, isso só acontece em um dos filmes que adapta a obra, mas me dá um desconto). No final da história, ele salva a moça, volta ao presente, eles se casam e vivem felizes para sempre.

Só que não.

Porque, afinal, o que aconteceria se ele salvasse a amada? Sem a morte dela, teria ele voltado no tempo? Não: ele só fez isso porque ela morreu. Salvar a moça quebraria o ciclo de causa e efeito, destruiria todo o passado que levou o protagonista até ali. Talvez seja por isso que a viagem no tempo provavelmente permanecerá na ficção: gera situações sem saída, sem lógica. Paradoxos. Mas o impossível nunca impediu escritor algum.

Na história d'*A máquina do tempo*, o inventor descobre que é impossível salvar a amada: por mais que ele tente, tirando-a do local onde ela morre, impedindo qualquer acidente, surge uma nova situação que culmina na morte dela. É como se houvesse um destino: independentemente do que se faça, a história é imutável, inexorável.

Essa é uma das soluções possíveis para o problema do paradoxo: uma linha do tempo fixa. Qualquer paradoxo é impossível de acontecer porque a história não pode ser alterada. Num exemplo menos mórbido, imagine que você queimou um bolo e quer voltar no tempo para impedir que isso aconteça. Numa linha do tempo fixa, isso seria impossível: o bolo se queima de qualquer maneira, independentemente do que você faça. Quem sabe o forno quebre e não desligue, quem sabe você não consiga chegar a tempo...

Essa solução sugere a existência de alguma força maior, um destino caprichoso, não impessoal como as forças da natureza. Já que, afinal, por que o bolo tinha que queimar? Quem decide isso, em detrimento do forno que-

brar? Outra particularidade é que uma linha do tempo fixa como essa pode gerar situações ridículas. Que tipo de coincidência absurda iria SEMPRE garantir que o bolo queimasse?

Claro, a linha do tempo fixa não precisa ser assim. Uma variante ocorre quando a volta do tempo já aconteceu: enquanto a versão do passado de você deixava o bolo queimar, a versão do futuro já estava ali tentando impedir o acontecimento, sem sucesso. Não há duas versões do passado: você do futuro sempre esteve lá, tentando salvar o bolo. Como acontece em *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*: descobre-se que a volta no tempo aconteceu o tempo todo. Não é possível alterar nenhum detalhe, qualquer viagem ao passado resultará em tudo acontecendo exatamente como já aconteceu, num ciclo. Mais ou menos como acontece com o desafortunado protagonista d'*A máquina do tempo*, ou por boa parte da série *Dark* (e coitado do Jonas, tudo que ele queria era ficar com a Martha). Mas essa solução sugere que não existe livre arbítrio, porque, para as coisas ocorrerem da mesma forma, você seria obrigado a seguir aqueles passos.

Uau, ok, falei em exemplo menos mórbido e acabei puxando discussões existenciais. De qualquer forma, resolvido, então? A linha do tempo fixa é o caminho? Não! Quero dizer, talvez...

Quem discorda ou desgosta da ideia da linha do tempo fixa tem mais algumas opções. Uma das mais óbvias é a direta contradição: a linha do tempo dinâmica. O passado pode ser alterado, e isso influencia o presente.

Nesse caso, voltar e salvar o bolo dá certo! Mas e o paradoxo? Com o bolo salvo, teria você voltado no tempo? Bem, numa linha do tempo dinâmica, o universo que se vire com o paradoxo. Em histórias do tipo, às vezes os personagens são punidos (quem não lembra do McFly desaparecendo em *De volta para o futuro*, depois de impedir seus pais de se conhecerem?), a realidade se quebra (como num dos episódios da série *E se?*, da Marvel), ou várias outras situações. Talvez acabe em um loop infinito... quem vai saber? A graça está em imaginar as situações que podem sair de um paradoxo.

Uma terceira solução, talvez a mais sem graça das três, sugere que, num evento que resultaria em um paradoxo... bom, nada acontece. Você volta no tempo, salva o bolo, e nada. Sem sumir, sem quebra da realidade, só você, você do passado, e seu bolo quentinho. Mudar o passado não altera o presente. Como isso seria possível? (Bom, viagem no tempo ainda é impossível, mas enfim). A solução tem a ver com o conceito de multiverso. A volta do tempo gera uma outra *versão* da realidade, que era idêntica até o momento da volta no tempo, mas vai se tornando diferente conforme o viajante do tempo

muda as coisas. Uma linha do tempo *alternativa*. Não há paradoxo porque o viajante não veio exatamente do passado: veio de *outro* passado, idêntico. E as duas realidades coexistem, junto com infinitas outras. Sendo assim, o viajante não pode voltar ao “seu” futuro: quando parte a linha do tempo em duas, fica preso no outro passado, que tem que ser vivido novamente. A viagem ao passado é só de ida.

Não ache, no entanto, que essas três — linha do tempo fixa, dinâmica, e alternativa — são as únicas teorias possíveis. A maravilha de se perder pensando em viagem no tempo é que não há respostas certas ou erradas; no máximo, há o que faz e o que não faz sentido (que muda de pessoa pra pessoa). As três teorias também não são mutuamente exclusivas: podem ser misturadas. Por exemplo, a minha história *As palavras certas* (na Maçã do Amor #2), mistura a linha do tempo dinâmica e alternativa. O protagonista se vê num futuro alternativo, mas viajou para esse futuro depois de alterar o passado, dinamicamente. Muito conveniente, mas não deu tão certo assim pra ele.

Deve haver algum outro jeito de solucionar o problema da viagem no tempo. Talvez uma combinação nunca pensada, complexa, ou algo simples, do tipo que surge com um tapa na testa. Mas enquanto existirem pessoas para sonhar com isso — seja com saudade, arrependimento, ou só curiosidade —, continuaremos viajando.

Créditos

Equipe editorial

Ana Farias Ferrari
Camila Paixão
Luísa Scheid
Tatiane Lucheis
Thais Rocha

Equipe de design

Rafael Lopes

Autores Selecionados

Mônica Beatriz
T.F. Reynard
Tina
Vitória de Jesus Costa de Paula

Autores Convidados

Ana Rüsche
Thiago Loriggio

Fotos

Cottonbro | @cottonbro
Giallo | @giallo_photoshop
Ivan Samkov | @normvanya
Shovy Rahman | @shovyrahman
Wallace Chuck | @wallace_chuck_

Apoiadores

Ariane Barreto Haagsma
Bárbara de Lima Morais
Camila Cristina Crosnag
Fracalossi
Elizabeth Fortunatti Albreghard
Érulos Ferrari Filho
Lucas Eiji Kong Fukue
Nicole Alcântara Botelho
Velani Salim Diz
Willian Miyasaka

Antigos Apoiadores

Daniela Ferreira
Di Toledo

Apoie esta revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.


Dê uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos. Além disso, você também pode votar através do nosso site e dar uma maçã virtual para seus artistas favoritos.

[Vote aqui!](#)

Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.

 www.revistamacadoamor.com



[@leiamacadoamor](https://twitter.com/leiamacadoamor)



[@leiamacadoamor](https://www.instagram.com/leiamacadoamor)

